Os Problemas da Filosofia, de Bertrand Russell — Ficha de leitura

12.º Ano | Filosofia | 4 páginas | 12 exercícios

> **Competências que desenvolve:** leitura integral da obra — a distinção aparência/realidade, a questão do conhecimento por familiarity, a indução e o seu problema, a análise (ideias matemáticas), o universo dos universais e a verdade objectiva (Aprendizagens Essenciais, Organizador «Trabalho sobre cada uma das obras»).

Revisão rápida — *Os Problemas da Filosofia*

- **Contexto e forma:** 1912 — livro curto e elemental, «não para ensinar, mas para despertar»: Russell apresenta os *problemas*, não as soluções.
- **Aparência e realidade:** os dados dos sentidos são reais *enquanto dados* — mas a mesa (o objecto físico) é inferido; há um «mundo especulativo» entre o dado e a coisa.
- **Conhecimento por familiarity:** sensação (o dado), introspecção (os estados) e recordação (o passado) — nada disto é dedução; o *a priori* (lógica, matemática) não depende da experiência.
- **A indução:** a crença de que o futuro se parecerá com o passado não se justifica sem circularidade — e mesmo os princípios da indução são *a priori*.
- **O universo:** é feito de *universais* (qualidades, relações) e de particulares — a verdade é a concordância do juízo com o facto, independentemente de nós.

Exercícios

1. V/F: a) O livro é de 1912 e apresenta soluções fechadas → __ b) Russell distingue os dados dos sentidos do objecto físico → __ c) A recordação é uma forma de conhecimento por familiaridade → __ d) Para Russell, a indução está logicamente garantida pela experiência → __

2. Completa: a) o livro foi escrito para despertar, não para __ b) a mesa, como objecto físico, é um __ c) os três modos do conhecimento por familiaridade são sensação, introspecção e __ d) a verdade é a concordância do juízo com o __.

3. Liga cada noção ao capítulo: *aparência vs realidade* → __ · *a priori* → __ · *o problema da indução* → __ · *universais* → __ (opções: a justificação do raciocínio sobre o futuro · o que é real · lógica e matemática independentes da experiência · o universo).

4. Contexto: escreve 2 linhas sobre a intenção do livro e o que ele recusa (comprometer-se com doutrinas).

© 2026 Estudantices

5. Reconstrói o argumento do problema da indução: P1 (em que se baseia a nossa confiança no futuro) P2 (o que acontece se a justificamos pela própria experiência) C: logo a indução não tem garantia lógica — exige princípios que a antecipam.

6. Completa o mapa: dados dos sentidos → são __ mas não são a coisa · objecto físico → é __ · a priori → independente da __ · universais → __ e relações.

7. Ordena o percurso do livro (1–5): __ a indução e os princípios a priori __ a distinção aparência/realidade __ o universo: universais e particulares __ o conhecimento por familiaridade __ a análise e as ideias matemáticas

8. Análise (a mesa): «Vemos cor; ao tocar, dureza — mas a mesa «em si» é inferida a partir destes dados.» a) Tese: __ b) O que isto obriga a distinguir: __

© 2026 Estudantices

9. Confronto com o elenco: *Os Problemas* e *Que Nada se Sabe* — ambos põem o conhecimento em questão; comum e divergência (o resultado: a dúvida como método filosófico e confiança no a priori vs o cepticismo como conclusão).

10. Erro de leitura: «Russell prova que não há mundo exterior — tudo é sensação.» Corrige com a distinção entre dados e objecto inferido.

11. Produção: escolhe uma pergunta dos capítulos (a indução, a matemática, o universo) e mostra, em 5 linhas, porque é que ela *continua* a ser problema — o que resistiu às soluções propostas.

12. Esboço de ensaio: «O conhecimento começa na experiência?» — tese com a obra (familiaridade e a priori), argumento, objeção (nada há de conhecido fora da experiência), resposta e uma aplicação.

© 2026 Estudantices

Soluções — Os Problemas da Filosofia, de Bertrand Russell

1. a) F (apresenta *problemas* e evita comprometer-se) b) V c) V (com a sensação e a introspecção) d) F (é o problema central: não tem garantia lógica sem circularidade).

2. a) ensinar (convencer) b) inferido (constructo) c) recordação d) facto (a realidade).

3. aparência/realidade → o que é real · a priori → lógica e matemática independentes da experiência · indução → a justificação do raciocínio sobre o futuro · universais → o universo.

4. (modelo) Russell escreve um livro elemental que recusa as doutrinas: mostra onde estão os problemas, apresenta argumentos a favor e contra e deixa a decisão ao leitor — a filosofia começa pela questão bem posta, não pela resposta repetida.

5. P1: esperamos que o futuro se pareça com o passado porque sempre assim foi P2: mas invocar a experiência passada para garantir o futuro pressupõe justamente o que se quer provar — que a experiência passada vale para o que falta · C: logo a indução não tem garantia lógica: os princípios que a tornam válida são pressupostos *a priori*, não conquistas da própria experiência.

6. reais (enquanto dados) · inferido (ou: construído) · experiência · qualidades.

7. ordem: 1 aparência/realidade · 2 conhecimento por familiaridade · 3 a indução e os princípios a priori · 4 a análise e as ideias matemáticas · 5 o universo (universais e particulares).

8. a) tese: o dado sensível (cor, dureza) é real como dado, mas a mesa — o objecto físico com persistência — é uma inferência a partir dele b) obriga a distinguir o *dado* (com que lidamos directamente) do *objecto* (que nunca temos directamente): entre os dois há um mundo de construção — e toda a pergunta «o que é real?» começa nessa fenda.

9. Comum: ambos põem o conhecimento em questão e recusam o senso comum ingénuo — a dúvida é o método, não o empecilho. Divergência: o resultado — em Sexto Empírico, a dúvida conduz à suspensão do juízo e à quietude (o cepticismo como fim); em Russell, a dúvida é *provisória*: diagnostica problemas, distingue o que resiste (o a priori, os universais) e confia na análise. Dúvida-conclusão vs dúvida-problema.

10. Erra: Russell não conclui que o mundo exterior não existe — conclui que *nunca o temos directamente*: os dados dos sentidos são reais enquanto dados, e o objecto físico é inferido a partir deles. A tese é sobre o *modo* de acesso (mediação), não sobre a negação da coisa — o mundo continua lá, mas só chega mediado pelos dados.

11. (modelo) A indução: Russell mostra que não tem garantia lógica e propõe princípios *a priori* — mas a objeção regressa: por que princípios e não outros? O problema resiste porque toda a tentativa de justificar o salto do passado ao futuro usa, ela própria, o salto. Séc. XX (Hume, Keynes, Popper) redesenhou-o sem o fechar — prova de que a pergunta de 1912 ainda abre.

12. (modelo) Tese: sim — começa na experiência (familiaridade: sensação, introspecção, recordação), mas não se esgota nela (o a priori: lógica e matemática não a retiram da experiência). Argumento: a indução — a própria garantia de que a experiência vale para o futuro é um pressuposto, não um dado. Objeção: mesmo o a priori nasce do contacto com o mundo. Resposta: as verdades necessárias não são contingentes — não se imagina um mundo onde 2+2=5; a experiência desencadeia, não fundamenta. Aplicação: num argumento, apelar a «sempre foi assim» é experiência; ver que a conclusão segue é a priori — as duas metades do conhecimento.

© 2026 Estudantices